

Desafios da reindustrialização

Mauro Arruda*

Novembro 2023

Este texto não tratará de investimentos estrangeiros, o que não significa que tais investimentos não sejam importantes para a reindustrialização brasileira. No presente, o investimento estrangeiro em fábricas só acontecerá se a política industrial demonstrar ambição, isto é, o Brasil procurar ocupar espaço para estar entre os países que estão em ascensão.

Sim, ao contrário do discurso comum, será por conta de capacidade de inovação e de expansão voltadas para rápida reindustrialização que o capital estrangeiro se sentirá atraído, disposto a ter ganhos em países que venham a crescer bem acima da média internacional.

Isso posto, é fundamental ampliar a discussão sobre como a indústria precisará contar com políticas que possam levá-la a ser competitiva, no Brasil e no exterior. Nesse sentido, cabe considerar a necessidade de ter visão ampla sobre como deverá ser o novo processo de substituição de importações, que não poderá se valer apenas do mercado interno e de países em seu entorno.

Será necessário grande esforço da indústria de transformação brasileira, a qual terá de se afastar de estratégias que, ao fim e ao cabo, não provocam avanços de impacto. Na realidade, a maioria das nossas indústrias de transformação limitou-se a ter acesso a tecnologias de fora para a fabricação de produtos muitos complementares aos de grandes indústrias estrangeiras presentes no país.

Com tudo isso, não se pode negar o fantástico crescimento industrial, apoiado no modelo de substituição de importações. Brasil e Japão foram os dois países que mais cresceram no mundo, entre os anos 1950 e parte dos anos 1970.

O que se vê no mercado externo, com fábricas em determinados países, é pequena a participação de indústrias brasileiras de transformação. Afora casos específicos, são as fabricantes de commodities que o país tem como grandes indústrias. Com efeito, as empresas da indústria brasileira que têm grande faturamento são as que estão em segmentos como os de petróleo, energia, mineração, metalurgia, papel e celulose, alimentos e bebidas. Algumas delas estão entre as maiores do mundo.

Mas quando se avalia outros segmentos da indústria como os de máquinas e equipamentos, aviões, produtos como têxteis, químicos, farmacêuticos e equipamentos médicos próprios da indústria de transformação, o problema é bem diferente, sendo muito poucas as empresas brasileiras que podem ser classificadas como multinacionais e/ou empresas de grande porte.

Entre as empresas brasileiras multinacionais da indústria de transformação a principal é a WEG. É a maior empresa fabricante de máquinas e equipamentos, com seu portfólio se diversificando rapidamente. Fabrica baterias de lítio para veículos elétricos e tem produtos inovadores em fase de desenvolvimento. Além do Brasil, tem fábricas em diferentes países, entre os quais, México, EUA, Alemanha, China e Índia. Apesar de avanços, seu faturamento, em 2022, foi de R\$ 30 bilhões, cerca de US\$ 6 bilhões - pouco quando comparado com as multinacionais de outros países. Portanto, terá de crescer bem mais, tanto no Brasil quanto no exterior, comprometida com a nova fase de substituição de importações.

Outra multinacional brasileira é a Embraer, que lida com alta tecnologia, em segmento estratégico para o país. Tem fábricas no Brasil e nos EUA. Seu faturamento, em 2022, foi de R\$ 23,5 bilhões

* Mauro Arruda é economista. Exerceu cargos nos setores público e privado.

(cerca de US\$ 4,7 bilhões). Também, precisa crescer muito mais. Até 2026, deve começar a fabricar o “carro voador”.

Há outras multinacionais brasileiras da indústria de transformação com números de R\$ 20 bilhões (cerca de US\$ 4 bilhões) de faturamento para baixo, a grande maioria com resultados financeiros bem inferiores às duas empresas citadas.

Um segmento da indústria de transformação que vem crescendo rapidamente, inclusive se expandido no exterior, é o farmacêutico. Empresas fabricantes de genéricos deram saltos importantes, ao se juntarem em blocos separados, com o objetivo de formar duas grandes empresas voltadas para medicamentos biológicos, a Bionovis e a Orygen. É inevitável que necessitam realizar pesquisas junto com Universidades e Centros de Pesquisas e parcerias com empresas estrangeiras - já fazem isso.

Em paralelo, como forma de queimar etapas – termo que será explorado mais adiante -, as fabricantes de genéricos começaram a dar atenção à possibilidade de comprar patentes farmacêuticas no exterior, como fazem as empresas farmacêuticas dos países desenvolvidos em projetos que estejam em fase clínica.

Feitas essas considerações iniciais, a questão de investimentos em inovação impõe atenção especial. Os números de patentes nacionais, nos últimos 40 anos, são o retrato falado do atraso tecnológico da indústria brasileira.

A tabela, anexa, proporciona comparações importantes, a começar entre Brasil e Coréia do Sul, quando o Brasil, até 1984, ainda com números muito pequenos, estava à frente da Coréia do Sul. De 1985 em diante, o crescimento de patentes de residentes (empresas nacionais e pessoas físicas locais) na Coréia do Sul foi tanto que, em 1989, já havia chegado ao triplo de pedidos de residentes no Brasil. Em 2019, a Coréia do Sul teve 31,4 vezes mais pedidos de patentes que o Brasil.

Por outro lado, ainda em 2019, os EUA tinham apenas 1,7 vezes mais pedidos de patentes de residentes que a Coréia do Sul. Uma interpretação sobre a diminuição da distância entre os EUA e Coréia do Sul: a Coréia não parou de expandir sua indústria, ao contrário dos EUA que perdeu inúmeras.

Para a Índia, a comparação com o Brasil só passou a ser mais favorável a partir de 2005. Até então os dois países tinham em suas respectivas indústrias baixa capacidade de inovação. Todavia, a Índia não parou de crescer chegando no decênio 2010 a 2019 a ter 2,6 vezes mais demanda de patentes por residentes que o Brasil. Nos anos 2020 e 2021, que não constam da tabela, a Índia, na média, passou a gerar quase cinco vezes mais patentes de residentes que o Brasil.

A China é um caso à parte. Como “fábrica do mundo”, não para de aumentar seus números, todos robustos. A partir de 2010 ultrapassou a soma do número de patentes por residentes de todos os outros países presentes na tabela, Brasil, Índia, Coréia do Sul, Japão, Alemanha e EUA. A velocidade aumentou ainda mais a partir de 2020, quando o número de patentes chegou a 1.204.981. Em 2021, o número de patentes de residentes foi de 1.426.644 patentes.

No Brasil, entre empresas que investem em pesquisas e patenteiam, a empresa que se destaca é a Petrobras. Apresentou 494 pedidos de patentes, entre 2010 e 2019, o equivalente a mais de 10% da média desse período de patentes registradas por residentes. Todavia, por lidar com energia fóssil, como forma de compensar o impacto de seus produtos na preservação do meio-ambiente, vem abrindo janelas de oportunidade de grande importância para a indústria nacional. Contratou a WEG para ser a fabricante de aerogerador onshore com capacidade de 7 MW; a seguinte será o aerogerador offshore

Tendo em vista o grande atraso da indústria de transformação, a reindustrialização brasileira necessitará contar com políticas de queimar etapas, pois não se deve esperar mudanças significativas se prevalecerem ideias que, no máximo, reflitam pequenos saltos. Essa maneira de agir foi a que prevaleceu nos últimos decênios, sendo visível o quanto foi pífio o passo dado até aqui. É inadiável o rápido aumento de pesquisas básicas (por universidades, centros de pesquisas etc.), de mais inovações, sejam por startups, sejam por pequenas, médias e grandes empresas.

Em reforço à queima de etapas, é possível considerar a possibilidade de ser por meio de pesquisas em parceria entre empresas nacionais e estrangeiras do mesmo segmento industrial, o que acontece entre empresas de países desenvolvidos – no Brasil, por exemplo, há projeto que envolve a Unicamp, empresa sueca e empresa brasileira. O outro lado da mesma moeda é ambicionar a compra de empresas estrangeiras.

A WEG queimou etapas ao comprar este ano a empresa americana Regal Rexnord, com 10 fábricas em sete países, entre os quais China, Índia e México. É a partir de grandes saltos, em busca de maior competitividade, que a indústria de transformação deve atuar para ter ganhos crescentes.

Ainda sobre queimar etapas, empresas nacionais devem estar presentes no Brasil e, também, crescer em mercados chaves, de maneira a fortalecer o tamanho delas e, dessa forma, poder fazer uso de “hedge produtivo”.

“Hedge Produtivo” baseia-se no que pode ser classificado como compensações, isto é, perde-se em algum mercado, por motivos diversos (valorização da moeda local por determinado prazo, pode ser um dos motivos), transferindo, como transitória, parte da produção para outro mercado que seja mais competitivo naquele momento.

Em reforço ao que até aqui foi colocado, indo de modo mais direto ao que é indispensável, um exemplo a mais de como queimar etapas é promover fusão entre indústrias brasileiras – sobre aquisição já foi mencionado. Se for esperar que cada uma faça seu papel, ainda que contando com bons resultados (restritos quase que ao Brasil), com crescimento até louvável para o porte delas, não será suficiente para o país competir com empresas estrangeiras de grande porte.

Com a nova geopolítica, a pressa por mudanças se impõe ainda mais. Se há problemas de disputas territoriais entre Índia e China, é razoável que a indústria de transformação brasileira esteja presente nos dois países. Na tabela anexa, mostrou-se o quanto a China vem crescendo em inovações; a Índia, apesar de crescer muito menos que a China, começa a avançar e se diferenciar da maioria dos países em desenvolvimento.

Outro ponto que deve ser visto como parte da política industrial é de empresas brasileiras do mesmo segmento disporem-se a comprar em conjunto empresas que estejam presentes em países considerados estratégicos. Poderiam juntar-se para formar nova(s) empresa(s) em outro(s) país(es). Essa ideia está em linha com o que fizeram empresas do setor farmacêutico fabricantes de genéricos que, como mencionado, juntaram-se para formar duas empresas de medicamentos biológicos.

Um outro lado da política “agressiva”, de queimar etapas, está o investimento em tecnologias. Boa parte da solução deve estar sob o comando do BNDES e da FINEP. As duas entidades demonstram competência e amplo interesse em trabalhar o mais próximo possível da indústria de transformação, discutindo ações consistentes com a realidade nacional e internacional. Cabe sublinhar que ambas devem financiar pesquisas tecnológicas e/ou compra de tecnologias que permitam aumentar a competitividade da indústria de transformação nacional, no Brasil e no exterior.

Do exposto, fica explícito que junto com a substituição de importações deve-se incluir a ideia imprescindível, para o Brasil, de participar da globalização adaptada ao atual momento, em que uma nova geopolítica acaba de aflorar. Em acréscimo, é importante estar ciente que o processo de rápida reindustrialização pede medidas macroeconômicas condizentes com a realidade da indústria de transformação brasileira

		Pedidos de Patentes			
		Média Decenal - Residentes e Não Residentes			
		1980/1989	1990/1999	2000/2009	2010/2019
Brasil	Residente	2.172	2.489	3.565	4.910
	Não Residente	5.034	6.096	15.756	20.753
	Total	7.206	8.585	19.321	25.663
Índia	Residente	1.050	1.602	4.501	12.594
	Não Residente	2.278	2.686	17.529	32.743
	Total	3.328	4.288	22.030	45.337
China	Residente	3.992	10.919	100.028	880.660
	Não Residente	4.775	12.812	64.444	128.170
	Total	8.767	23.731	164.472	1.008.830
Coreia do Sul	Residente	3.164	38.261	104.947	62.577
	Não Residente	8.345	19.477	35.648	39.771
	Total	11.509	57.738	140.595	202.348
Japão	Residente	268.962	340.405	354.413	268.074
	Não Residente	28.945	39.901	50.077	58.081
	Total	297.907	380.306	404.490	326.155
Alemanha	Residente	31.885	38.977	48.692	47.306
	Não Residente	13.302	8.725	10.474	17.322
	Total	45.187	47.702	59.166	64.628
Estados Unidos	Residente	66.380	111.226	203.253	277.921
	Não Residente	54.209	96.964	180.885	292.836
	Total	120.589	208.190	384.138	570.757

Fonte: Organização Mundial da Propriedade Intelectual – OMPI

Obs: Residente envolve, em grande maioria, empresas e pessoas físicas nacionais que demandaram patentes. Não residente tem a ver com registro de patentes de empresas estrangeiras que queiram salvaguardar seus direitos de propriedade em determinados países. No caso brasileiro, o número de não residentes aumentou significativamente com a mudança da legislação, em 1996, favorável aos registros de patentes estrangeiras do setor farmacêutico, antes proibidos